

## O VÍRUS NOS RONDA: METÁFORAS SOBRE VÍRUS E SOBRE CORRUPÇÃO

### THE VIRUS HAUNTS US: METAPHORS ABOUT VIRUS AND CORRUPTION

Heronides M. M. Moura<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

Fábio Lopes da Silva<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

**Resumo:** Neste artigo, vamos analisar metáforas sobre vírus e sobre corrupção. Mostramos que estas metáforas são construídas com base numa percepção de um tempo sem limites. Metaforicamente, tanto os eventos da propagação do vírus quanto da disseminação da corrupção são vistos como incrementais, iterativos e atéticos. Esta representação do tempo é expressa por meio da propagação no espaço, no caso das metáforas sobre vírus, e diretamente representada pelo aspecto verbal imperfeito, no caso das metáforas sobre corrupção. Utilizamos o conceito de política da eternidade (SNYDER, 2018) para explicar o papel da percepção do tempo no modo de apreensão de eventos sociais. O desenrolar dos fatos sociais está limitado por uma visão que foca nas fases do evento, mas é incapaz de abranger a situação como um todo, tanto temporal quanto espacialmente.

**Palavras-chave:** Metáfora; Corrupção; Vírus; Aspecto verbal; Política da eternidade.

**Abstract:** In this article, we analyze the metaphors used to depict viruses and corruption. We argue that these metaphors are rooted in a perception of time as unbounded. Metaphorically, both the events of the spread of the virus and the spread of corruption are taken as incremental, iterative and atelic. This representation of time is expressed by propagation in space, in the case of metaphors for viruses, and directly by the imperfective verbal aspect, in the case of metaphors for corruption. We refer to the concept of politics of eternity (SNYDER, 2018) to explain the role of the perception of time in the way of apprehending social events. The unfolding of social facts is circumscribed by a view that is focused on the stages of the event but is unable to consider the whole situation in its temporal and spatial boundaries.

**Keywords:** Metaphor; Corruption; Virus; Verbal Aspect; Politics of Eternity.

**Submetido em 25 de novembro de 2020.**

**Aprovado em 26 de dezembro de 2020.**

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística, UFSC. heronides@uol.com.br.

<sup>2</sup> Doutor em Linguística, UFSC. phabio.lopez6619@gmail.com.

## **Introdução**

Neste artigo, vamos mostrar que tanto metáforas sobre vírus quanto metáforas sobre corrupção estão ancoradas em uma determinada perspectiva de como os eventos se desenrolam no tempo.

Argumentamos que, no mundo contemporâneo, a concepção da temporalidade é um fator determinante para a interpretação de fenômenos sociais aparentemente tão díspares quanto política, epidemia viral e corrupção. Mais do que o entendimento sobre a natureza destes fenômenos, o que importa, cognitivamente, é o modo como se percebe o desenrolar desses eventos sociais na linha do tempo.

Se a apreensão humana do tempo pode ser comparada ao foco de uma câmera fotográfica (GIVÓN, 2001; PINKER, 2008; MOURA, 2020), então a percepção do tempo que domina a contemporaneidade é a de uma câmera com foco fechado, que não abarca os limites dos eventos. O desenrolar dos fatos está limitado por uma visão que dá um zoom nas fases do evento, mas é incapaz de abranger o todo.

A contemporaneidade pode ser comparada a um diretor de cinema que só mostra partes do que acontece. Em vez do crime, o cineasta mostra uma arma empunhada; em vez do desenlace da batalha, ele mostra cenas repetidas de bombardeio; em vez de uma palestra, ele mostra um professor que fala continuamente para um público exausto.

O efeito pretendido é deixar o espectador submerso na cena do crime, no campo de batalha ou numa palestra que nunca termina. O objetivo é mostrar um evento contínuo, sem uma finalidade ou finalização explícita, como *Forrest Gump* é mostrado correndo e correndo e correndo, sem nenhum destino ou meta declarada.

Nossa hipótese é que fatos sociais tão relevantes quanto política, epidemias virais e corrupção são submetidos a um mesmo modo de ver o tempo: foco fechado em eventos sem fim nem começo, eternos e repetidos.

Vamos utilizar o conceito de política da eternidade (SNYDER, 2018) para explicar o papel da percepção do tempo no modo de apreensão de eventos sociais. Na nossa argumentação, este modo de ver os eventos, que Snyder (2018) originalmente aplica à política contemporânea, pode ser expandido para a percepção tanto de epidemias virais quanto da corrupção, que, aliás, é uma das formas pelas quais a política é vista atualmente.

Quanto à política de um modo geral, a eternidade faz parte do modo de ver *literal* da sociedade contemporânea: uma política sem futuro, sem *telos*<sup>3</sup> (SNYDER, 2018). No caso das epidemias virais, esta percepção do tempo como eterno se manifesta por meio de metáforas sobre o vírus e sua propagação.

Metáforas sobre vírus se baseiam nos seguintes traços semânticos: infiltração, propagação e dano. A ideia de propagação no espaço está ligada à noção de propagação no tempo: a contaminação não tem fim.

A perspectiva temporal pela qual uma epidemia viral é percebida deriva da propagação, indefinida no espaço, do poder agressivo do vírus.

Um vírus (Aids, Sars, Coronavírus...), é um inimigo invisível que está sempre aí (*o vírus nos ronda*), prestes a atacar, em todos os lugares, e o evento parece não ter fim: ficamos submersos no tempo da epidemia.

As metáforas usadas para se referir ao vírus (SONTAG, 1989; VAN REGENMORTEL, 2016; ELIE, 2020) favorecem a percepção de que o tempo da epidemia viral se estende indefinidamente.

As metáforas também são essenciais para a construção do conceito de corrupção. Neste caso, a temporalidade não deriva do espaço, como ocorre com os vírus: o tempo sem limites está embutido diretamente nas sentenças com metáforas sobre corrupção no Brasil.

Podemos dizer que as metáforas sobre vírus exprimem um espaço sem fim, o que leva, indiretamente, a um tempo sem limites. No caso das metáforas sobre corrupção, o tempo sem fim e sem limites está expresso diretamente na concepção metafórica do que é a corrupção.

Com base no acervo da *Folha de São Paulo* (no período de 2012 a 2017), vamos apresentar dados quantitativos sobre metáforas sobre corrupção no Brasil. A partir destes dados, mostramos que as metáforas sobre corrupção no Brasil se apresentam, em sua maioria, no aspecto imperfeito.

Este aspecto verbal serve para representar os eventos como não acabados, atéticos, incrementais e iterativos (COMRIE, 1976; TRAVAGLIA, 1981; FOSSILE, 2012; MOURA, 2020). Ou seja, a percepção do tempo nos moldes da eternidade é tão forte, que leva os falantes a usarem um mecanismo gramatical (o aspecto verbal imperfeito) para

---

<sup>3</sup> Palavra grega que significa fim, mas também objetivo, meta.

marcar que a corrupção é um evento sem limites definidos. As metáforas coletadas e examinadas aqui enquadram a corrupção neste esquema temporal ao mesmo tempo rigoroso e monótono, como uma batalha que é um bombardeio infinito ou como uma arma empunhada, que nunca dispara.

Examinando detalhadamente as formas aspectuais usadas nas sentenças com metáforas sobre corrupção, observa-se a grande incidência do tempo presente (A raiva frente à corrupção que *corrói* a sociedade), do particípio (As dificuldades de reformar um sistema político *imerso num pântano de corrupção e dominado por quadrilhas*) e de construções progressivas (A corrupção *está sangrando* o país). Estas formas aspectuais do imperfectivo ajudam a representar o tempo da corrupção como um presente eterno (*corrói*), estático (*imerso num pântano*) ou em curso (*sangrando*).

No corpus examinado, somente em raros exemplos o evento da corrupção é visto como algo com limites temporais definidos (um dos poucos dados encontrados no aspecto perfectivo é a sentença *A manada do PMDB comeu a lavoura do Rio*).

O tempo da corrupção é o tempo do imperfectivo, o tempo da eternidade e da repetição, da mesma forma que ocorre na política, segundo Snyder (2018). O evento da corrupção é metaforicamente visto como um presente eterno ou como uma repetição descontrolada (*A corrupção e seus braços continuam a sugar a seiva da dignidade nacional*).

O artigo está organizado da seguinte forma. Na próxima seção, apresentamos o conceito de política da eternidade. Na seção 2, analisamos metáforas sobre vírus. Na seção 3, analisamos metáforas sobre corrupção no Brasil. Utilizamos para isso metáforas coletadas no corpus do Acervo *Folha de São Paulo*, no período 2012-2017. Finalmente, tecemos nossas considerações finais.

## 1. A política da eternidade

Durante quase toda a segunda metade do século 20, o planeta viveu sob o signo da Guerra Fria. Muitas coisas estavam em disputa, mas não a ideia de progresso.

Embora discordassem a respeito de por que caminhos e para onde o mundo avançava, ocidentais e soviéticos convergiam na convicção de que uma vida melhor e mais feliz esperava por nós lá adiante. O tempo era nosso amigo: uma estrada que, apesar de eventuais percalços, indicava inelutavelmente a direção da paz e da prosperidade.

A essa concepção de tempo e de história compartilhada pelos dois lados do conflito Snyder (2018) deu o nome de política da inevitabilidade. Para ele, como explica Lopes da Silva (2020), a política da inevitabilidade não é simplesmente uma ideia entre outras, mas uma espécie de moldura cognitiva que, até recentemente, enquadrou e determinou o nosso modo de estar no mundo e o horizonte de nossas ações e pensamentos, a ponto de se confundir com a própria vida, de ser experimentada como se fosse a vida enquanto tal.

Ora, a falência do Império Soviético, no início dos anos 1990, tirou de cena o comunismo como projeto global e, correlativamente, deu à versão capitalista da política da inevitabilidade um fôlego renovado. Da evidência de que os comunistas estavam errados quis-se tirar a implicação de que ocidentais estavam certos. Quem mais abertamente formulou essa conclusão foi Fukuyama (1989), ao enunciar a tese de que a História havia chegado ao fim. As democracias liberais, argumentava ele, eram uma ideia insuperável que acabaria por se impor universalmente. A seu juízo, não haveria alternativas a elas, uma afirmação que virou um bordão incontavelmente repetido nos anos seguintes.

Essa visão otimista do tempo e da história, no entanto, foi continuamente deparando com inúmeros obstáculos, de que o rápido declínio dos sonhos de democracia na Rússia pós-soviética é um bom exemplo. Um pouco mais tarde, a violenta e duradoura crise mundial iniciada em 2008 produziu no mundo massas crescentes de descrentes nas promessas de felicidade (ou, no mínimo, de estabilidade) que haviam embalado as décadas anteriores. De espaço de realização e aprimoramento da humanidade o futuro passou a ser visto como coisa ameaçadora, diante da qual viramos o rosto. De acordo com o Snyder (2018), as pessoas, em contrapartida, tenderam a voltar-se para um passado tão mítico quanto o porvir projetado pela política da eternidade. Slogans de protestos públicos e campanhas políticas ilustram bem esse passadismo emergente: *Make America Great Again* foi o lema de Trump em 2016; *Quero meu país de volta*, diziam nas ruas os descontentes com o governo Dilma a partir de 2013; *Pro país ser feliz de novo*, repetia a propaganda eleitoral do candidato petista à presidência Fernando Haddad em 2018.

Snyder (2018) acrescenta que esse deslocamento em direção ao passado assume, a rigor, uma forma muito específica. No vazio deixado pelo *telos* que não se cumpriu, surge não apenas nostalgia mas algo bem mais radical e profundo, uma autêntica *arché*: a ideia de uma herança de inocência que continua dentro de nós mas nunca emerge

plenamente porque inimigos – imigrantes, comunistas, negros, corruptos, muçulmanos, fascistas e até os vírus – *estão e sempre estarão* a nos atacar, a nos perturbar, a rondar nossas portas e, ato contínuo, a roubar as condições que permitiriam um encontro feliz e pleno com a nossa pureza. A vida deixa de ser vista pela ótica do progresso para ser concebida como crise sem fim, ciclo de ataques que se repõem indefinidamente e no curso dos quais tudo que nos cumpre fazer é defender o tesouro de pureza e inocência que guardamos no mais fundo de nossas almas. Snyder (2018) dá a essa nova concepção de tempo e de história o nome de política da eternidade, tendo em conta que existir, como dissemos, passa basicamente a equivaler a defender-se perenemente.

Na política da inevitabilidade, para repetir Lopes da Silva (2020), “tudo está bem, e não é preciso fazer nada”, ao passo que na política da eternidade “tudo está mal, e não se pode fazer nada.” A diferença é que na política da inevitabilidade a liberdade é um ativo que acabamos não usando, enquanto que na política da eternidade a liberdade simplesmente não é mais levada em consideração, desaparecendo completamente da cena.

Em ambas as visões de tempo, a irresponsabilidade dos políticos profissionais e dos cidadãos em geral é a nota dominante: sob a política da inevitabilidade, sentimo-nos dispensados de participar da construção da experiência democrática, dado que o futuro prometido chegará de qualquer jeito. Já sob a política da eternidade, essa participação perde completamente o sentido, dado que os inimigos voltarão de qualquer jeito, de modo que o futuro será igual ao passado, não havendo por que em nome dele viver e lutar. No argumento de Snyder (2018), é em torno do eixo da irresponsabilidade – essa zona de interseção entre a política da inevitabilidade e a política da eternidade – que o giro da primeira em direção à segunda se dá. Trocamos uma noção de tempo por outra sem precisar abandonar nossa inércia política.

Governantes pelo mundo todo se deram conta do que está acontecendo e passaram a tirar proveito da situação. Em lugar de tentar de algum modo socorrer as pessoas, eles mantêm as coisas como estão ou mesmo tomam medidas que deliberadamente prejudicam a maioria imensa da população, inclusive os seus próprios eleitores. Só que ao mesmo tempo oferecem uma válvula de escape para estes últimos. Sobretudo por meio da internet, martelam à exaustão uma mesma mensagem a seu grupo de apoiadores: ‘Sim, a existência é um vale de lágrimas, e nada posso fazer para mudar isso. Mas resta o consolo de saber que outros sofrem mais do que nós e de que podemos fazê-los sofrer. Eu os

autorizo a infligir sofrimento nos inimigos, a agredi-los, a odiá-los, a desprezá-los. E digo mais: quando vocês os maltratarem, não estarão verdadeiramente os atacando, mas se protegendo, porque eles estão sempre prontos a roubar nossas almas, a destruir nossa inocência, nossa pureza e tudo que construímos e em que acreditamos'. Snyder (2018) dá a essa nova forma de governo o nome de sadopopulismo, tendo em vista o fato de que, como no sadismo, ela se baseia na administração deliberada da dor (e na gestão dos afetos daí resultantes).

O problema político em que estamos envolvidos é que, assim como os adeptos do sadopopulismo, os seus opositores atuais e potenciais também estão fortemente dominados pela política da eternidade. Que personagens como Putin, Trump e Bolsonaro são sadopopulistas e políticos da eternidade não é difícil compreender. Bem mais complicado, contudo, é entender que os que deles discordamos estamos igualmente imersos na política da eternidade e seus descaminhos, o que exige saídas muito mais profundas e autocríticas do que as que tem sido até aqui propostas e elaboradas. Quem disso duvida que se pergunte o que nos leva a nos rendermos aos ritmos avassaladores das redes sociais, não por acaso um terreno onde o atual presidente brasileiro, a exemplo de Donald Trump, se move tão bem. Dia após dia, por horas a fio, navegamos no Facebook ou no Twitter para sermos felicitados ou ultrajados por um fluxo interminável de postagens que, ao induzirem sempre a um mesmo tipo de sensação, congelam o tempo, aprisionam-nos em um presente infinito, interditam o futuro. Nas redes sociais, à semelhança do que acontece sob a política da eternidade, tudo se resolve em termos de um ciclo interminável, um ataque permanente a nossos circuitos neuronais, uma excitação constante, uma ansiedade sem fim, à qual estamos passivamente ligados, já que sua origem está fora de nós, para além de nosso controle. Nas redes sociais, à semelhança do que ocorre sob a política da eternidade, a única saída possível é agredir os outros ou entregar-se ao que se tem chamado de ostentação, uma clara tentativa de compensar a miséria da própria existência com a humilhação dos que são expostos às nossas publicações.

Um exemplo da penetração e do alcance da política da eternidade especificamente no Brasil foi oferecida por Lopes da Silva (2019), em sua análise da ambiguidade radical do enunciado 'Lula Livre'. O presente artigo vai em direção semelhante, ao indicar que, há muito mais tempo do que se poderia supor, as metáforas sobre a corrupção já flertavam com a ideia de que vivemos sob um ciclo eterno de ataques que nos acossa em nossa

inocência, um eterno presente de crise, perigo e angústia em que tudo que resta é defender uma pureza fundamental que nos habita e que está permanente e crescentemente sob ameaça.

A nossa relação com a corrupção, procuraremos demonstrar, foi parte do processo de consolidação dessa estranha e dolorosa ideia de tempo eterno e cíclico que dá ritmo à vida que todas as manhãs nos espera ao pé da cama.

Além da ameaça da corrupção, há também o vírus que nos ronda. Veremos, na seção seguinte, como metáforas sobre vírus são outra forma de expressão da política da eternidade.

## 2. Metáforas sobre vírus

Epidemias virais são eventos inesperados e chocantes (SONTAG, 1989). A doença (seja ela a AIDS, o SARS ou o COVID19) é vista como um evento imprevisível, descontrolado, onipresente.

Muito desta sensação de ataque iminente e constante se deve à metaforização do vírus como um inimigo invisível. Esta personificação do vírus como um inimigo à espreita é extremamente comum no caso do coronavírus. Damos alguns exemplos de metáforas encontradas numa busca no *Google*: *Coronavírus, o inimigo invisível, esvazia as ruas das grandes cidades* (noticiasR7.com); *O inimigo invisível que assusta o mundo* (brasildefato.com.br); *Coronavírus é um inimigo invisível que usa táticas parecidas com a de guerrilhas* (ww.agazeta.com.br).

Como não se compreende muito bem como um vírus efetivamente age no organismo, são utilizadas metáforas que expandem o poder do vírus, dando a ele as características de um agente racional e malévolo: *O vírus nos ronda* (<https://www.facebook.com/glamournoivasbomdespacho/photos/aline-e-adney-a-foto-j%C3%A1-diz-muitoque-paz>); *Do coração aos intestinos, a ação sorrateira do coronavírus Sars-CoV2 desafia médicos e cientistas* (oimparcial.com.br); *É uma doença sorrateira que chega devagar e silenciosa* (www.saocarolosagora.com.br); *Entra um Cliente de cada vez, que o “Coronavírus”, traçoeiro e manhoso, pelos vistos adora saltitar de pessoa a pessoa* (<https://simplesmenteavo.blogs.sapo.pt/>).

Além disso, atribui-se ao coronavírus um poder tecnológico altamente desenvolvido: *O novo coronavírus desenvolveu novas estratégias para se ligar aos receptores humanos* (olhardigital.com.br).

A atribuição aos vírus de ações intencionais e com alto grau de elaboração já estava presente em metáforas sobre o HIV (SONTAG, 1989). A interação bioquímica entre o vírus e o sistema imunológico é interpretada como uma guerra entre o vírus e o hospedeiro, atribuindo-se ao vírus a capacidade de desenvolver novos mecanismos de guerra para enfrentar as defesas do sistema imunológico (VAN REGENMORTEL, 2016).

Como o vírus é percebido como um inimigo astuto que está em todos os lugares e pode atacar a qualquer momento, as pessoas passam a usar a política da eternidade como o modo de perceber o vírus: estamos imersos numa pandemia, sem nenhuma capacidade de apreender os limites temporais do contágio. Do espaço (o vírus está em todo lugar; o vírus nos ronda), passamos ao tempo (o vírus está aí, indefinidamente).

Como o vírus avança pelo espaço e pelos corpos, o tempo da epidemia viral se torna contínuo, eterno, repetitivo. É uma ameaça que está no ar, como um miasma. A atmosfera *contaminada* produz a generalização da doença (SONTAG, 1989, p.50). Esta *contaminação* generalizada está presente, por exemplo, nas seguintes metáforas: *Como nós estamos imersos na pandemia, estamos vendo tudo a partir desse prisma* (twitter.com/lolaescreva); *Solidariedade é flor no pântano do coronavírus (a cresce.org.br)*; *Coronavírus: o perigo pode estar no ar, alertam cientistas* (correio braziliense.com.br).

Notem que este tipo de metáfora sobre o vírus é produzido tanto por leigos quanto por experts. A mensagem é sempre a mesma: se até o ar está contaminado, não há para onde escapar. O inimigo insidioso nos espreita. Muitas pessoas ficam angustiadas até quando estão em casa, receosas da onipresença do vírus. É como se a morte nos rondasse sem parar.

Até aqui, temos visto metáforas *sobre* o vírus. Neste caso, o vírus é o domínio-alvo (LAKOFF; JOHNSON, 2002) da metáfora. Mas o conceito de vírus tem sido uma rica fonte de metáforas sobre outros domínios (ELIE, 2020). Neste caso, o vírus serve como domínio-fonte para a criação de metáforas.

Vamos examinar alguns dessas metáforas que se baseiam no conceito de vírus e delimitar, a partir delas, os traços semânticos que estão associados ao conceito de vírus, no processo de criação de metáforas.

Um tipo de metáfora muito comum, e que já existe há algumas décadas, é a de vírus de computador ou vírus de software. SONTAG (1989) já havia observado a relevância da aplicação do conceito de vírus a ambientes não biológicos. Os vírus de software se infiltram, contaminam e danificam em rede, pulando de um para outro computador (SONTAG, 1989, p. 83). Esta metáfora se baseia nos seguintes traços semânticos do conceito de vírus: infiltração, propagação e dano. Se o vírus não for destruído, esta propagação pode ser infinita e, no limite, fatal. Isso implica que a ideia de propagação no espaço está irremediavelmente ligada à noção de propagação no tempo: a contaminação é eterna.

Uma metáfora mais recente é a de mensagem viral (ELIE, 2020). Todo tipo de mensagem (frases, melodias, imagens, vídeos) podem ser virais. Como observa Elie (2020), o modo como uma informação viral se propaga passa a ser motivo de admiração. Um vídeo viral não instila medo, mas curiosidade. De toda maneira, mesmo que o vírus perca em parte sua carga negativa, ele continua a ser indomável, incontrolável. Uma mensagem viral se propaga bruscamente, num surto.

A propagação, assim como no caso dos vírus de computador, é o traço mais relevante na metáfora das mensagens virais. Uma mensagem viral (um tweet, uma canção, um meme) gruda e se propaga nas mentes das pessoas. As mentes são os hospedeiros, não mais os corpos.

Como na metáfora de computador, mensagens virais implicam uma relação angustiante com o tempo: no momento de propagação da mensagem viral, não parece haver espaço para a fuga. Todos serão contaminados. O vírus nos ronda.

Além da ideia de que o vírus é onipresente, há a percepção de que isto é fruto de sua propagação implacável: um vírus é um replicante, um criador de cópias de si mesmo. Isso implica que ele se estende no espaço em ondas de propagação. Quanto maior o tempo decorrido, maior a propagação.

Esta ideia de propagação do vírus está muito próxima da ideia de uma conspiração virótica: os vírus (sejam eles biológicos ou não) estão programados para nos dominar: “a ideia da conspiração se exprime naturalmente na imagem do vírus implacável, insidioso” (SONTAG, 1989, p. 81).

Não é de se estranhar que, neste contexto, surjam os negacionistas de epidemias virais, como a provocada pelo coronavírus. Os negacionistas se recusam a aceitar que os vírus estejam em todos os lugares e logo passam a assumir, absurdamente, que eles não

estão em lugar nenhum! Os negacionistas são um retrato perfeito e oposto daqueles que tomam a metáfora da conspiração viral ao pé da letra.

Pois as metáforas sobre vírus são apenas isso: metáforas. Elas não definem a natureza ontológica e científica dos vírus. A mesma conclusão que Sontag (1978) tira da doença, podemos tirar do vírus que a causa - quanto menos metáfora, melhor:

“My point is that illness is *not* a metaphor, and that the most truthful way of regarding illness—and the healthiest way of being ill—is one most purified of, most resistant to, metaphoric thinking” (SONTAG, 1978, p. 3).<sup>4</sup>

No caso das epidemias virais, a política da eternidade é uma consequência da propagação descontrolada do vírus no espaço. Já no caso da corrupção, que trataremos na seção seguinte, a percepção da temporalidade é um elemento essencial para a construção de metáforas. A grande maioria das metáforas sobre corrupção no Brasil se apresenta no aspecto imperfectivo, ou seja, estão na clave de um presente eterno e cíclico.

A propagação no espaço é também um dos traços metafóricos da corrupção. Como afirmam Forsberg e Severinsson (2015, p. 456),

“there is also a clear connection between a virus’ epidemiological pattern (i.e. it spreads) and corruption. But it does not only spread, apparently it also seems to escalate, to become more harmful the longer it has time to propagate, to infect, to do harm”.<sup>5</sup>

No caso de metáforas sobre vírus, a ênfase é na propagação incontrolável no espaço. No caso de metáforas sobre corrupção, a ênfase é na propagação incontrolável no tempo. É o que veremos na seção a seguir.

### 3. Metáforas sobre corrupção no Brasil

Um dos autores deste artigo (MOURA, 2020) coletou exemplos de sentenças com metáforas sobre corrupção no Brasil no acervo da *Folha de São Paulo*, no período de 2012 a 2017. A hipótese era que as sentenças estariam, em sua maioria, no aspecto

---

<sup>4</sup> “Meu ponto é que a doença não é uma metáfora, e que o modo mais confiável de olhar para a doença – e o modo mais saudável de estar doente – é aquele incólume e resistente ao pensamento metafórico” (tradução dos autores)

<sup>5</sup> “há uma clara conexão entre o padrão epidemiológico de um vírus (i. e., como ele se espalha) e a corrupção. Mas ele não apenas se espalha, aparentemente ele também se fortalece, tornando-se mais danoso na medida em que tem mais tempo para se propagar, infectar e causar danos” (tradução dos autores)

imperfectivo. Com isso, o conceito de corrupção seria enquadrado e pensado a partir de um ponto de vista temporal muito específico.

Este contorno temporal impõe que a corrupção seja pensada como um evento cujos limites não são definidos. O evento é caracterizado com os traços típicos da imperfectividade: não acabado, cursivo, iterativo.

O objetivo do exame quantitativo das ocorrências de sentenças com metáforas sobre corrupção no Brasil é duplo. Em primeiro lugar, ele permite reavaliar a noção de metáfora conceitual de Lakoff e Johnson (2002, original de 1980), que situa a metáfora num plano extralinguístico. Em segundo lugar, ele fornece dados objetivos que mostram que a política da eternidade está na base da percepção de como a corrupção funciona.

Quanto ao primeiro objetivo citado acima, a intenção é mostrar que o domínio fonte de uma metáfora (LAKOFF; JOHNSON, 2002; SULLIVAN, 2013) pode ser constituído de domínios conceituais de natureza gramatical, como a imperfectividade. Ou seja, a forma de pensar sobre um evento é fornecida pela própria gramática e esta forma de pensar serve como domínio fonte para a criação de metáforas. Para isso, assumimos que “Grammar is not a distinct level of linguistic representation, but reduces instead to the structuring and symbolization of conceptual content” (LANGACKER, 1986, p.1). Este conteúdo conceitual, de base gramatical, é mobilizado na criação de metáforas.

Na perspectiva adotada aqui, a metáfora deixa de ser entendida como um fenômeno apenas extralinguístico, situado fora da linguagem, em um plano meramente conceitual (MOURA, 2007; 2008; 2020). Com isso, a intenção é que se reavalie o pretendido deslocamento da metáfora do nível de representação linguística para um nível estritamente conceitual, o que é um dos pressupostos do conceito de metáfora conceitual proposta por Lakoff e Johnson (2002, original de 1980).

Ao examinarmos sentenças metafóricas sobre corrupção no Brasil, percebemos que a metáfora, ao contrário do que prevê a teoria de Lakoff e Johnson (2002), pode estar ancorada em domínios cognitivos de natureza gramatical, como a imperfectividade.

É interessante observar que o termo aspecto já tem em sua etimologia a noção de perspectiva (PINKER, 2008, p. 223). Aspecto vem da raiz latina *spec* (olhar, contemplar), a qual também deu origem a palavras como *perspectiva*, *especulação*, *expectativa*, *espetáculo* etc.

O que foi observado nos dados coletados é que a grande maioria das sentenças com metáforas sobre corrupção se encontra no aspecto imperfectivo, independente da

metáfora conceptual utilizada. Isso implica que diferentes visões metafóricas (corrupção como doença, como força destrutiva, como sujeira, como teia, como pessoa, como engrenagem e até como diversão) estão todas sujeitas ao mesmo regime de temporalidade: um tempo que não passa, que se repete, que tende à eternidade.

Vejam, abaixo, exemplos de metáforas encontradas no corpus, que ilustram cada um destas visões sobre corrupção. Notem que, independentemente da metáfora conceptual utilizada, o aspecto verbal imperfectivo permanece constante:

- i. Corrupção como doença. *Corrupção é uma doença e devemos procurar uma vacina; Sua dimensão é endêmica desde a nossa colonização; O problema da corrupção no serviço público é um câncer globalizado.*
- ii. Corrupção como força destrutiva. *A raiva frente à corrupção que corrói a sociedade; A corrupção está sangrando o país; A corrupção e seus braços continuam a sugar a seiva da dignidade nacional; Haddad e Kassab se atacam sobre corrupção enquanto ela varre a cidade como o (tufão) Haiyan.*
- iii. Corrupção como sujeira. *O PSDB pode jurar inocência, mas conhecia o cheiro (ruim) do dinheiro; Não faz a menor diferença se o candidato está atolado em corrupção; Só andam com a graxa suja dos subornos.*
- iv. Corrupção como teia, rede: *Revela-se que a rede de propinas tecida pela empreiteira e sua subsidiária petroquímica, a Braskem, espraiava-se por 12 países;*
- v. Corrupção como pessoa. *Como a inflação, a corrupção também tem amigos nas altas esferas do poder; A lei da propina anda na surdina e joga pesado.*
- vi. Corrupção como mecanismo, engrenagem: *...da qual emanava o combustível que mantinha a engrenagem (da corrupção) funcionando; ...aparato tecnológico que azeitava a máquina subterrânea de corrupção.*
- vii. Corrupção como festa, diversão: *No grande circo de corrupção sistêmica que penaliza os mais pobres; O contribuinte terá de financiar mais essa farra da corrupção.*

Nas sentenças metafóricas sobre corrupção no Brasil coletadas no corpus, foram encontradas as seguintes formas gramaticais de expressão do aspecto imperfectivo (cada forma gramatical é acompanhada de exemplos do *corpus*):

- i. Presente do indicativo: *A raiva frente à corrupção que corrói a sociedade.*

- ii. Pretérito imperfeito: Em março de 2015, quando a gestão petista *era* assolada pelos escândalos de corrupção na petroleira.
- iii. Pretérito perfeito composto. A Lava Jato não vai acabar com toda a corrupção no Brasil, mas *tem combatido* a "corrupção endêmica".
- iv. Construção Progressiva: A corrupção *está sangrando* o país.
- v. Perífrases iterativas e habituais: A corrupção e seus braços *continuam a sugar* a seiva da dignidade nacional; Parece que a corrupção *vai continuar nadando* de braçadas na política.
- vi. Construções com particípio: Não faz a menor diferença se o candidato *está atolado* em corrupção; Essa hipótese faz média com as teses do PSDB, *afundado* em corrupção e impunidade.
- vii. Futuro do presente, imperativo, infinitivo. Só profundas mudanças estruturais *irão quebrar* o caráter endêmico (da corrupção); *Limpe* de vez esse mar de lama, de corrupção; Para *reclamar* de atraso no crediário da propina.

O aspecto verbal, em português, pode ser expresso por meio de diferentes formas gramaticais (TRAVAGLIA, 1981; COSTA, 1990; FOSSILE, 2012), e tal variedade se manifesta no corpus.

O presente do indicativo, o pretérito imperfeito, o pretérito perfeito composto, o progressivo, as perífrases verbais habituais e iterativas e o particípio são formas gramaticais que expressam valores aspectuais imperfectivos (TRAVAGLIA, 1981; COSTA, 1990). Já o futuro do presente, o imperativo e o infinitivo não são formas tipicamente associadas ao aspecto imperfectivo. O futuro e o imperativo expressam, essencialmente, a modalidade (TRAVAGLIA, 1981, p. 152-154). No que concerne ao infinitivo, trata-se de uma forma neutra quanto ao aspecto (TRAVAGLIA, 1981, p. 172). No entanto, sentenças com estas formas podem assumir, composicionalmente, valores imperfectivos. Todas as sentenças coletadas no corpus que estavam no futuro, no imperativo e no infinitivo tinham valores aspectuais imperfectivos, no que concerne ao evento da corrupção. Todavia, como estas formas não são marcadores de imperfectivo, vamos apresentá-las numa tabela à parte (**Tabela 2**, abaixo).

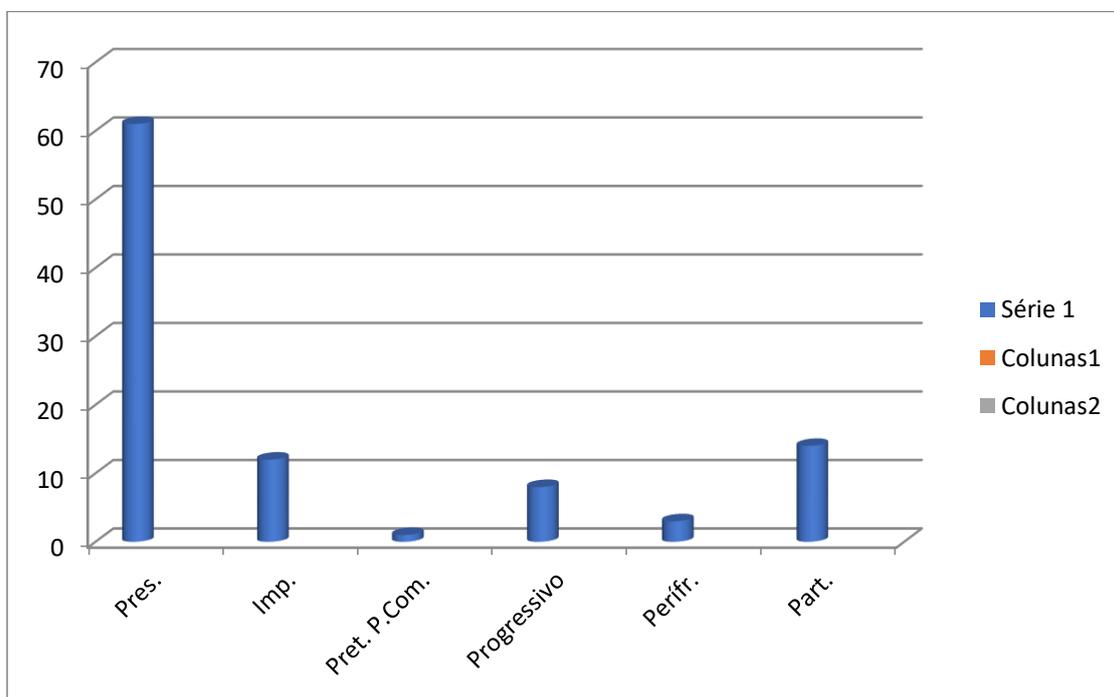
Depois de tabulados os dados, chegamos aos seguintes resultados: das 141 sentenças metafóricas coletadas no corpus, 123 apresentam aspecto imperfectivo, ao

passo que tão somente 18 sentenças apresentam aspecto perfectivo. Ou seja, 87% das sentenças com metáforas sobre corrupção estão no aspecto imperfeito.

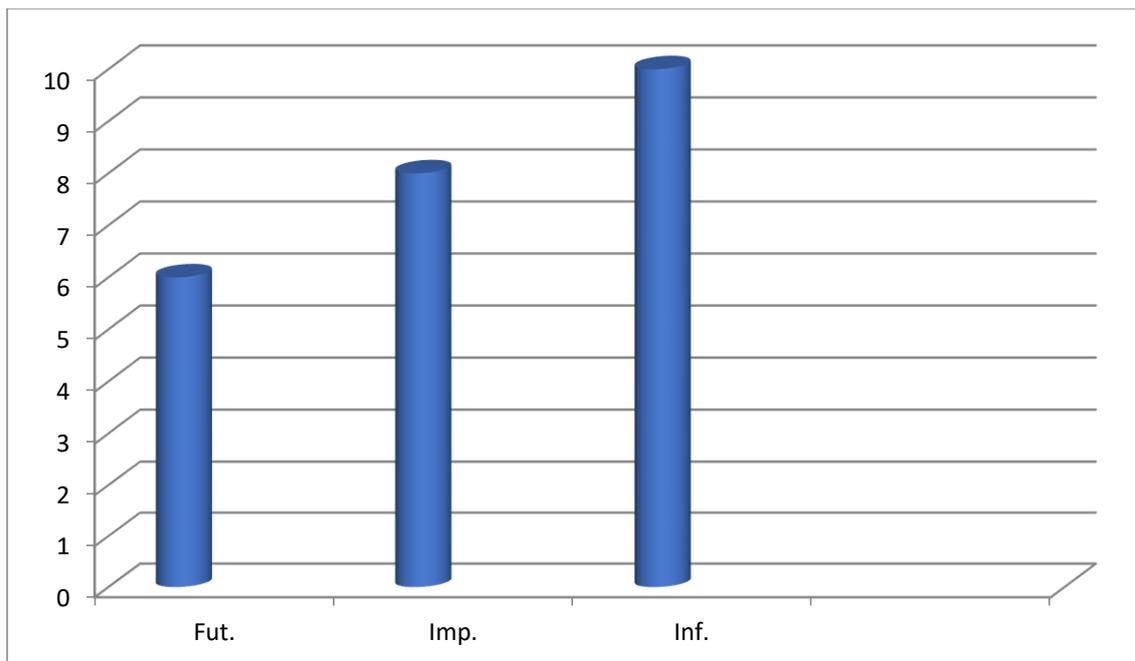
Quanto à distribuição das formas gramaticais do imperfeito, temos os seguintes resultados: 61 sentenças estão no presente, 12 no imperfeito, 14 apresentam particípio, 3 apresentam perífrases habituais e iterativas, 1 sentença está no pretérito perfeito composto, 8 sentenças estão no progressivo, 6 no futuro, 8 no imperativo e 10 no infinitivo.

A **Tabela 1** abaixo ilustra a distribuição das formas gramaticais ligadas ao aspecto imperfeito. Como o futuro do indicativo, do imperativo e do infinitivo não são marcadores de imperfeito, ocorrências com estas formas aparecem à parte, na **Tabela 2**.

**Tabela 1.** Distribuição das formas gramaticais do imperfeito.



Fonte: Elaborado pelos autores.

**Tabela 2.** Distribuição das formas do futuro, do imperativo e do infinitivo.

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

### Considerações finais

Em uma conferência proferida na *American Academy*, em Berlim, Snyder (2019), a cuja obra nos referimos várias vezes neste artigo, aborda as relações entre política e linguagem. Em lugar de começar pelo tema sugerido pelos organizadores – a linguagem do fascismo e do neofascismo –, o historiador norte-americano surpreende a audiência, tomando como ponto de partida uma reflexão sobre o modo como se expressam aqueles que não são fascistas e, não raras vezes, se apresentam como adversários do fascismo. Snyder (2019) põe em dúvida a ideia aparentemente autoevidente de que a linguagem desses não fascistas e adversários do fascismo é sempre inequivocamente antifascista.

No caso específico que analisa, Snyder (2019) argumenta que o que os não fascistas e antifascistas disseram nos últimos trinta anos e até recentemente pode ser resumido, em última instância, a uma fórmula elementar: “Estamos trilhando o caminho traçado pela democracia liberal, e, mesmo que quiséssemos dele sair, não poderíamos, uma vez que não há alternativas”.

Esse discurso, diz Snyder (2019), é obviamente um convite à irresponsabilidade. Na certeza de que a história avançava inevitavelmente em certa direção, retiramo-nos da luta efetiva, na esfera pública, pelos valores que afirmávamos estar consolidados.

Enquanto isso, a história seguia seu curso, indiferente às nossas convicções e previsões. Sucessivas crises globais, regionais e nacionais eclodiram, e o futuro que imaginávamos começou a se desmanchar no ar, abrindo caminho para outras visões de mundo, de história e de tempo, o que inclui aquelas gestadas pela extrema-direita. E é exatamente neste ponto que, na ótica de Snyder (2019), a linguagem dos não fascistas e dos antifascistas favorece a linguagem do fascismo, ao invés de se opor a ela.

Este artigo foi escrito no mesmo espírito desse esforço de valorização da história e da política. Se bem que sem tratar tão explicitamente de questões políticas, também procuramos mostrar que a linguagem é um terreno perigoso, que precisa ser o tempo todo escrutinado, uma vez que pode muito bem manifestar e consolidar armadilhas cognitivas potencialmente deletérias.

Em particular, foi nossa intenção mostrar que o modo como abordamos a corrupção e os vírus reforça uma concepção de tempo que dificulta o encontro de saídas para as crises que enfrentamos, inclusive a atual pandemia. Repetir metáforas sobre a corrupção e os vírus que definem esses objetos como elementos que podem irromper a qualquer momento e em qualquer lugar é ceder à ideia de crise eterna, diante da qual nos colocamos na posição de vítimas. A tentativa de capturar (tanto no sentido de compreender quanto de dominar) determinados eventos corre o risco de resultar no oposto disso: terminar sob a dominação desses eventos.

As metáforas sobre vírus e corrupção parecem abolir o futuro. No caso da corrupção, mesmo sentenças metafóricas no tempo futuro implicam uma repetição cíclica do mesmo estado de coisas: *Parece que a corrupção vai continuar nadando de braçadas na política*. Ou então o futuro é apresentado de forma apocalíptica: *O governo do povo, pelo povo e para o povo irá perecer da face da terra se a corrupção for tolerada*.

A nossa conclusão é que, se as metáforas correntes sobre corrupção e epidemias abolem a história, elas são incompatíveis com a natureza essencialmente histórica destes eventos.

## Referências

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, S. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1990.

ELIE, P. (Against) virus as metaphor. *The New Yorker*, 2020.

- FORSBERG, P; SEVERINSSON, K. Exploring the virus metaphor in corruption theory: Corruption as a virus? *Ephemera*, v. 15, n. 2, p. 453-463, 2015.
- FOSSILE, D. Valores aspectuais do português brasileiro e do alemão: uma proposta de síntese. In: MOURA, H; MOTA, M; SANTANA, A. (orgs.). *Cognição, Léxico e Gramática*. Insular: Florianópolis, 2012. p. 47-93.
- FUKUYAMA, F. The end of history? *The National Interest*, n. 16, p. 3-18, 1989.
- GIVÓN, T. *Syntax. An Introduction*. Vol. 1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.
- LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução de Mara Zanotto et al. São Paulo, EDUC/Mercado de Letras, 2002.
- LANGACKER, R. An introduction to cognitive grammar. *Cognitive Science*, v. 10, n. 1, p. 1-40, 1986.
- LOPES DA SILVA, F. *Sadopopulismo: De Pútín a Bolsonaro*. Florianópolis: Insular, 2020.
- LOPES DA SILVA, F. Um grito parado no ar: o proferimento ‘Lula Livre’ como expressão da política da eternidade. *Revista da ANPOLL*, v. 1, n. 48, p. 124-135, 2019.
- MOURA, H. Relações paradigmáticas e sintagmáticas na interpretação de metáforas. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, Vol. 7, N. 3, p. 417-452, 2007.
- MOURA, H. Desfazendo dicotomias em torno da metáfora: *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 16, n. 2, p. 179-200, 2008.
- MOURA, H. O domínio cognitivo da imperfetividade e as metáforas sobre corrupção no Brasil. Artigo submetido, 2020.
- PINKER, S. *Do que é feito o pensamento*. A língua como janela para a natureza humana. Tradução de Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia da Letras, 2008.
- SNYDER, T. *The road to unfreedom. Russia. America. Europe*. Nova York: Tim Duggan Books, 2018.
- SNYDER, T. *Road to Unfreedom: Democracy, Neofascism, and the Importance of Language*. Conferência proferida na American Academy, em Berlim, Alemanha. 2019. (1h48min24s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VHDdzJXM4oY&t=1776s>.
- SONTAG, S. *Illness as metaphor*. New York: Farrar, Straus e Giroux, 1978.
- SONTAG, S. *Aids e suas metáforas*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SULLIVAN, K. *Frames and constructions in metaphoric language*. Amsterdam: John Benjamins, 2013.

TRAVAGLIA, L.C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: EDUFU, 1981.

VAN REGENMORTEL, M.H.V. The metaphor that viruses are living is alive and well, but it is no more than a metaphor. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*. N. 59, p. 117-124, 2016.